



## TRÊS IDEIAS DE AULAS (FILOSOFIA, LITERATURA E TEATRO) A PARTIR DE UMA AULA-ESPETÁCULO DE ARIANO SUASSUNA

*Ariano criou suas aulas-espetáculo como parte da sua grande missão: a de divulgar e defender a cultura popular brasileira. Para isso, sempre usou muito de histórias engraçadas e, hoje em dia, vídeos dessas aulas circulam na internet e têm milhões de visualizações. Talvez esses vídeos sejam a parte da obra de Suassuna mais conhecida pelo público brasileiro, que ri com Ariano e acredito que concorda quando ele diz que temos um país bonito a celebrar. Neste material, indico três trechos de uma aula-espetáculo que está no Youtube, e sugiro, a partir de cada um, uma temática para aulas de filosofia, literatura e teatro.*

\* Neste material, trabalharemos com a aula-espetáculo que Ariano apresentou no teatro do SESC Vila Mariana (SP) em 30 de abril de 2011, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=ljmKDvQ4knA>

### 1 TEMA PARA UMA AULA DE FILOSOFIA: QUANTOS "EUS" VOCÊ LEVA CONSIGO?



No minuto **07:05** do vídeo, Ariano diz assim: "eu acredito que isso aconteça com todo mundo. Eu tenho, dentro de mim, duas pessoas: uma, sou eu. A outra é esse tal de Ariano Suassuna, ô velho invocado e trabalhoso! Vocês não sabem o trabalho que esse tal de Ariano Suassuna me dá! Pois bem, de um tempo pra cá, eu resolvi me vestir de Ariano Suassuna."

\* Até o minuto **13:47** o escritor segue explicando como é essa roupa que ele escolheu usar em todas as suas aparições públicas, a partir de uma leitura que fez, em 1981, de um texto escrito por Gandhi.

\* Em um trecho do seu *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*, o escritor revela que, em suas aulas-espetáculo, "esse tal de Ariano Suassuna" assumia máscaras de seus próprios personagens, e cada cor de roupa sua representava um deles:

“ (...) o nosso Mestre passou a vestir-se de dois modos: de roupa clara, quando encarna Antero Savedra, e de negro-e-vermelho quando representa Dom Paribo Sallemas ou Dom Pantero (sendo que, neste último caso, pendura um Medalhão ao pescoço). E foi com essas roupas que ele, conduzindo sua trupe de Músicos, Atores, Bailarinos e Cantores, passou a empreender suas Saídas pelos palcos, estradas e descaminhos do Mundo.

Ariano Suassuna, no *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores* (2017, p. 52)



\* Ariano revela, portanto, intencionalidade e questões filosóficas e políticas por trás da construção de sua pose performática, ou seja, da sua pessoa pública, que ele chamou de "esse tal de Ariano Suassuna".

\* Acredito que essa é uma temática que pode ser interessante para uma aula de filosofia. A partir da exibição desse trecho do vídeo, que é, aliás, bem engraçado, a turma pode refletir respondendo a perguntas como:



Quantos "eus" há em mim?

O que eu escolho dizer com o que eu visto?

Há situações em que eu sinto que preciso criar outro "eu" para me adequar?

Para além desses "eus" públicos, há um "eu" que permanece o mesmo?

## 2 TEMA PARA UMA AULA DE LITERATURA: A ESTRUTURA DA DÉCIMA (DE CALDERÓN DE LA BARCA AOS CANTADORES NORDESTINOS)

No minuto **26:15** do vídeo, Ariano fala sobre Calderón de la Barca (na imagem mais à direita), poeta espanhol que muito o influenciou. Resume a história da peça "A Vida é Sonho" e declama duas de suas estrofes para demonstrar que a mesma estrutura usada por Calderón no século XVII (a décima) é usada hoje em dia pelos poetas populares, os cantadores nordestinos.



“ - - - - -

- Sonha o rico na riqueza  
que cuidados lhe oferece;  
sonha o pobre que padece  
na miséria e na pobreza;  
sonha o que busca a beleza,  
sonha o que luta e pretende,  
sonha o que agrava e ofende  
e no mundo, em conclusão,  
todos sonham o que são,  
coisa que ninguém entende.

- - - - - ”

“ - - - - -

- Eu sonho que estou aqui  
de correntes carregado  
e sonhei que em outro estado  
como príncipe vivi.  
Que é a vida? Um frenesi.  
Que é a vida? Uma ilusão,  
uma sombra, uma ficção;  
e o bem mais belo é medonho,  
pois toda a vida é um sonho  
e os sonhos, sonhos são.

- - - - - ”



\* Ariano segue explicando como a mesma estrutura da décima aparece no Nordeste nos desafios de cantadores, que improvisam, a partir de um mote, estrofes com a mesma estrutura e rimas de Calderón: ABBAACCCDDC.

\* Sugiro assistir, com a turma, a toda a explicação e exemplos que o escritor dá sobre o tema, até o minuto **38:38**.

\* Ariano apresenta duas décimas improvisadas a partir de um mote, que aparece no último verso. A primeira décima exemplifica uma poesia mais lírica, e foi improvisada por Dimas Batista, que aparece na foto da página anterior segurando um violão. Os irmãos Batista do Pajeú - Dimas, Otacílio e Lourival (na foto mais abaixo) - foram importantes cantadores nordestinos. A segunda décima que o escritor declama representa o humor que muitas vezes aparece nos desafios de cantadores. Transcrevi as duas décimas para que seu uso em sala fique mais fácil:

“

Na vida material,  
cumpru o sagrado destino.  
O filho de Deus divino  
nos deu glória espiritual.  
Deu o bem, tirou o mal,  
livrando-nos da má sorte.  
Padeceu suplício forte  
como maior dos heróis.  
Morreu pra dar vida a nós,  
A vida venceu a morte.

Dimas Batista

“

Só deixando de glosar,  
embora seja um defeito.  
Quem glosa fica sujeito  
a ferir ou melindrar.  
Agora vou me arriscar,  
ofendendo um cidadão  
que, com calma e educação,  
podia ser meu amigo.  
Você diz, mas eu não digo:  
Seu Joventino é ladrão.

Helena Belo

”

”

\* Como exercício, pode-se sugerir que os próprios alunos brinquem de improvisar alguns versos a partir de motes que a turma sugira. Pode-se também investigar que outras tradições populares trabalham com desafios e improvisos de versos, a exemplo do samba de partido-alto, do côco de roda e do hip-hop.

\* Para quem deseja se aprofundar no riquíssimo campo da poesia popular nordestina, indico o livro "Arte e Ciência da Cantoria de Viola - Volume 1 - Cantoria: regras e estilos", do escritor Braulio Tavares.





### 3 TEMA PARA UMA AULA DE TEATRO: O RISÍVEL DE ACORDO COM BERGSON

No minuto **40:49** do vídeo, Ariano começa a contar do seu primeiro contato com um teatro de mamulengo e com um personagem, Benedito, que depois ele recriou em sua peça *A Pena e a Lei*. Ele conta algumas histórias de Benedito que, mesmo anos depois, continuava a achar engraçadas.



\* A partir das histórias de Benedito, Ariano explica a teoria do filósofo francês Bergson, que teorizou sobre o riso, sobre o que é preciso para que o humano se torne risível. Assim diz o escritor:

“ Ele [Bergson] dizia que o ser humano só se tornava cômico quando permitia que uma mecanização no seu espírito, na sua linguagem ou nos seus gestos substituísse a inventividade e a graciosidade da vida.

\* Ariano observa que o autor da peça de mamulengo que o encantou na infância provavelmente não conhecia Bergson e, no entanto, sua produção confirma o que o filósofo dissera sobre o tema.

\* Sugiro assistir, com a turma, a toda a explicação que o escritor dá sobre o tema, até o minuto **50:13**, quando, sem querer, ele mesmo termina se tornando cômico, na mecanização de um gesto.

\* Depois de assistir ao vídeo, a turma pode engajar em discussões sobre o riso e suas estratégias. Que cenas que eles já acharam engraçadas poderiam ser explicadas pelos mesmos processos? Como poderíamos usar as mesmas estratégias pra criar uma cena cômica? Que papel tem o corpo do ator (para além das palavras do texto que ele diz) na criação de significados e, neste caso, de comicidade?

Nesta ficha, criei três seções separadas para aulas de filosofia, literatura e teatro, mas acredito que os três trechos da aula-espetáculo destacados aqui podem gerar discussões interdisciplinares.